

PARA UMA COMPREENSÃO OUTRA SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO INTERPRETATIVA E A PERSPECTIVA IDEOLÓGICA EM DURKHEIM

For another understanding of history of the education: interpretative introduction and ideological perspective in Durkheim

Marquessuel Dantas de Souza

Graduado em Geografia. Faculdade de São Paulo. São Paulo-SP

marquessuelgf@gmail.com

Resumo

O presente texto se objetiva em apontar uma breve e introdutória interpretação filosófica e sociológica sobre a História da Educação desde a antiguidade aos dias atuais. Com efeito, delineando um olhar crítico sobre a realidade da ideia de educação no mundo. Para isto, exige atenção para com os contextos históricos evocados nas épocas expostas ao longo da análise. Não obstante, baseando-se na obra de Mario Alighiero Manacorda como principal autor sobre a história da educação, entretentes, enfatizando a noção de educação segundo Durkheim.

Palavras-chave: História da Educação, Pensamento Humano, Sociabilidade.

Abstract

This text is aimed to point out a brief, introductory philosophical and sociological interpretation of the History of Education from antiquity to the present day. Indeed, outlining a critical look at the reality of education idea in the world. To do so, requires attention to the historical contexts evoked the exposed times throughout the analysis. Nevertheless, based on the work of Mario Alighiero Manacorda as lead author on the history of education, meanwhile, emphasizing the notion of education according to Durkheim.

Keywords: History of Education, Human thought, Sociability.

Introdução

O presente texto se propõe a evocar uma simples, breve e introdutória interpretação sobre a história da educação desde a antiguidade aos dias atuais, porém, sabendo que isto é algo quase impossível integralmente por ser um tema muito amplo e complexo. Em todo caso,

sumariamente efetuaremos uma suposta história da instrução humana. Apesar das dificuldades em relacionar os acontecimentos de outrora com a contemporaneidade, há de ressaltar a importância deste estudo como um complemento às análises já existentes.

Intenta-se, além disso, delinear um olhar crítico no sentido de que nem tudo o que se diz é pura verdade. Muita coisa permanece oculta ao raciocínio do intelectual da educação. O texto enfatiza contextos históricos e geográficos buscando compreender as variáveis na ideia de educação ou instrução humana em épocas diferenciadas como atributos do desenvolvimento humano de adaptação à sobrevivência ao longo dos séculos na e da história da humanidade.

A capacidade do homem de se relacionar entre si e de se relacionar com a natureza, em suma, com a existência, o coloca como ser diferenciado e diferenciador na relatividade existencial como um todo. Após termos consultados vários autores relacionados à história da educação ou da pedagogia, optou-se por desenvolver este estudo a partir da obra do italiano Mario Alighiero Manacorda. Pois consideramos este autor o que mais abrange a história da educação criticamente. Uma vez dito isto, convém ressaltar que todos os outros autores são importantes no que tange a historiografia educacional, por vezes, a escolha de Manacorda nos sugere outro olhar sobre o “progresso”, por assim dizer, da educação. Apesar deste enfoque direcionado e finalizando o debate do presente manuscrito, apresentaremos uma breve abordagem da ideia de educação segundo o sociólogo e filósofo francês David Émile Durkheim. Isto devido o nosso pensamento aproximar-se das ideias elaboradas por este autor.

Assim entendido, o presente texto confere uma leitura sobre a ideia de educação com o intuito de compreender qual a razão de a educação no século XXI ser tão diferente e ao mesmo tempo ser tão semelhante às épocas remotas. Certamente, este escrito suscitará polêmicas.

Educação: contexto geral

Como pressuposto básico, perguntemos desde já: o que é educação? Para simplificar esta exposição coloca-se o que se segue: educação é, por assim dizer, socialização dos seres humanos; participação coletiva dos membros de uma sociedade. Neste particular, “as escolas são as instituições sociais encarregadas de ministrar a educação” (JOHNSON, 2011, p. 81).

Com efeito, educação é mais do que isso, como será possível perceber mais adiante conforme o exposto. Acompanhemos.

A história da educação nos permite dizer, de início, ser a pedagogia e a própria educação um fator bastante importante para compreendermos o seu fundamento no seio das sociedades, isto, nas mais diversas ou variadas culturas existentes em todo o mundo. Como uma espécie de teia de aranha - exemplificando -, muito bem traçada e de uma complexidade incontestável e planejada, a educação fora, ainda permanece e continuará sendo um modelo singular na decifração do comportamento humano, cujo mesmo enigmático. A sistematização que a envolve exige que se faça entender por onde o ser humano desde os primórdios direcionou sua visão de mundo a fim de melhor se situar diante à grandeza existencial. – A ideia de organização, e, não obstante, de divisão e manutenção constituem fatos sociais importantíssimos para a compreensão sistemática e estrutural de qualquer sociedade humana.

O pensamento pedagógico ou a história da educação nos faz remontar a épocas embrionárias quando de seu surgimento e seu desenvolvimento antes de atingir a modernidade tal qual vivemos atualmente. Bem entendido, para além da história há em consideração a geografia; investigar o tempo e o espaço conjugados entre si tentando por traduzir momentos vividos de outrora, é um fator importante. – A Mesopotâmia, os hebreus, os bizantinos, os árabes, a Índia, os persas, os babilônios, os fenícios, entre outros, devem ser lembrados como civilizações fundamentais nos e dos primórdios no que tange a ideia de educação. Para tanto, ao avançar na exposição do texto ver-se-á que outros povos surgirão em complemento à história da educação.

Grosso modo, a ideia de instrução ou formação para vida inicia-se no seio da família com as orientações dos pais para com os filhos. Logo, isso se estende para o horizonte em que aparece a figura do mestre, com o aprendizado do ofício, ultrapassando o lar puramente familiar (afetividade fraterna). Envolvendo outros membros da sociedade, “o discurso pedagógico é sempre social” (MANACORDA, 1989, p. 06). Relacionar-se com outros é fundamental e torna-se essencial para o discurso educacional, pois promove o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos de uma mesma espécie (ideia de treinamento por meio de técnicas, por exemplo). Contudo, a educação não se limita apenas a ler, escrever e a contar ou calcular; se configura com outras instâncias sociais, entre estas a compreensão

ou interpretação crítica do real. – Pontuando a sequência lógica do estudo desta investigação, parece lícito começar pelo Egito.

Educação no Egito Antigo

A educação no antigo Egito tem preceitos morais e comportamentais rigorosamente harmonizados conforme castas ou dinastias dominantes. “Do Egito é que nos chegaram os testemunhos mais antigos e talvez mais ricos sobre todos os aspectos da civilização e, em particular, sobre a educação” (MANACORDA, 1989, p. 09). Com efeito, a relação entre o ensinar e o aprender se deu hierarquicamente, situação que ainda hoje ocorre em diferentes partes do mundo. Ou seja, há aqueles que detêm ou dominam o saber, e aqueles que dependem dos que possuem o conhecimento. Neste sistema “os ‘ensinamentos’ mais antigos remontam ao período arcaico, anterior ao antigo reino de Mênfis, se é exato que o primeiro destes data da 3ª dinastia (século XXVII a. C.)” (MANACORDA, 1989, p. 11). Assim sendo, considerando a hierarquização, “o obedecer está indissolúvelmente ligado ao comandar, dois termos que se encontram inúmeras vezes, como lugar-comum, em qualquer discurso sobre educação e sociedade” (MANACORDA, 1989, p. 15). Para tanto, a formação do homem social requer este tipo de relacionamento, visto ser antiqüíssimo.

A instrução direcionada ao povo constituía, grosso modo, uma seleção muito bem planejada. Quer dizer, apenas o rei e seus próximos, tais como filhos (homens, especialmente), escribas e sacerdotes e logo em seguida os guerreiros eram instruídos. Todos recebiam formação específica, conforme sua posição dentro da sociedade, contudo, estes personagens eram privilegiados; conquanto os demais membros não usufríssem deste “recurso” de compreensão do real (o conhecimento sistemático). – Referindo-se aos reis se quer dizer que na época em questão, os faraós e suas tribos. Uma vez lembrando que os hieróglifos como língua escrita (falada) e a oralidade como língua falante representavam os meios comuns de comunicação entre os povos que habitavam o Egito antigo, por sua vez, no leito do rio Nilo (África egípcia). A ideia de treinamento como prática de ação envolvia todos aqueles denominados de privilegiados; eis então a razão de mantê-los numa lógica de conjunto ou num padrão a fim de garantir a segurança imperial, ou melhor, do reino. Todos agindo de acordo com o estabelecido. Nisto vê-se a gênese das leis em processo (germinando).

“O constituir-se de uma tradição, ao lado da sistematicidade (falamos da “institucionalização”) dos ensinamentos, nos autoriza a falar desde já da escola propriamente dita” (MANACORDA, 1989, p. 19). Não obstante, o que significa escola? Buscando um entendimento muito simples do termo pode-se designar um grupo formado por pensadores em torno de um mestre perpetuando o conhecimento. Todavia, falar de escola como conhecemos hoje e se referindo ao Egito antigo torna-se quase anacrônico. Assim, convém salientar que em termos atuais a ideia de escola não se aplica necessariamente a história antiga no Egito. – Como já mencionado anteriormente, no Egito antigo originariamente, “a instrução era um fato interno a família” (MANACORDA, 1989, p. 20). O vínculo entre mestre e discípulo ou docente e discente, ou professor/aluno - em termos modernos -, acontecia no seio familiar. O escriba unia-se a uma família, particularmente as dominantes e buscava constantemente o desenvolvimento dos saberes conjugados com a realidade vivida (hábitos e costumes). Nisto, os rituais da tradição local envolvendo erudição e outros saberes comuns dava-se de formas específicas. Os materiais didáticos da época em questão tais como os rolos de papiros, tintas diversas entre outros, forneciam, por exemplo, recursos para as inscrições fúnebres. Consolidando o culto permanente dos povos da antiguidade egípcia. Em termos gerais, o ensino era promovido nos limites das cercanias do reino.

Educação na Grécia Clássica ou Antiga

“Na Grécia encontraremos, embora com características diferentes, aspectos da educação do antigo Egito, que nos foram transmitidos e interpretados por autores gregos como: Heródoto, Platão, Diodoro de Sílicia” (MANACORDA, 1989, p. 41), e muitos outros. A partir deles, principalmente, podemos acrescentar ser possível encontrar, “antes de tudo, a separação dos processos educativos segundo as classes sociais, porém menos rígida” (MANACORDA, 1989, p. 41) visando à democracia educativa. As tarefas do poder, o pensar ou o falar, referem-se à política, já as tarefas ao fazer, aparecem como ação inerente às armas. – Preparar o povo treinando-os, em suma, educá-los efetivamente, é um fator essencial para o desenvolvimento cultural na Grécia antiga.

Ao se falar da Grécia, um personagem nos surge como o principal representante: Homero. A educação homérica é singular quando observamos outras civilizações antigas. Do ponto de vista crítico-cultural, Homero simboliza a gênese ou a forma embrionária da cultura

grega. Suas obras mais estudadas (Iliada e Odisséia) permanecem sendo fontes inexoravelmente aceitáveis de transmissão de conhecimentos com perspectiva educacional. No dizer de Platão – parafraseando-o – Homero fora o grande educador da Grécia¹. Ao analisar ou efetuar uma breve abordagem destas obras homéricas vê-se o quão de importantes as mesmas são para a Grécia antiga e para o mundo atual. Quer dizer, assim como a bíblia cristã, especificamente, os ensinamentos budistas, judeus e islâmicos, entre outros, as obras de Homero são, por exemplo, igualmente estudadas no mundo moderno e pós-moderno. Assim como as obras de Platão, Aristóteles, Aristófanes e muitos outros.

O fator educacional aparece em Homero sob diversas formas. Vários personagens se mostram educadores, embora enfatizando as inúmeras profissões consideradas. As narrativas épicas encontram-se envoltas com a crença do povo habitante. O mito germina como elemento social fundamental dessa cultura, por vezes promovendo relacionamentos entre homens e deuses, a mitologia nos convida a inferir que a crença torna-se válida para todos os fins neste contexto. Para Manacorda (1989), a poética deste período clássico “mostra *o povo* favorável a Homero e *o rei* a Hesíodo” (MANACORDA, 1989, p. 45, grifo nosso). Em outras palavras, Homero propõe que o povo constitui o ponto essencial em sua literatura, já para Hesíodo a nobreza é que se consolida como elemento principal de sua narrativa. – Ambos, explicitam contradições no âmbito da tradição cultural. Isto, em virtude de suas concepções de mundo enfatizando a religiosidade, a ação militar, a aristocracia (promovida pela política de estado) e a simplicidade, grosso modo, dos camponeses e outros moradores em questão, claro, no contexto analisado por esses escritores.

Na vida prática, o atletismo, as artes em geral e todas as formas de produção criativo-humana (criação humana) garantiam o funcionamento social do conjunto antrópico. Com isto, surge de modo muito simples a ideia de ciência em sentido democrático além da vida no Olimpo. Cidadãos como pessoas habitantes e participantes da e na vida em sociedade acresce como um momento especial ou modelo na Grécia de outrora. Não obstante, também acompanha este processo a noção de leis estabelecidas pelos governantes. Atenas, Esparta, Creta, Samos, Mileto e outras povoações continuam sendo, neste contexto, os centros culturais do mundo grego. Entrementes, aproximando a Europa à Ásia Menor na margem

¹ Ver *A República* de Platão, livro X, pág. 336, especificamente. Ver referências bibliográficas.

helênica difundindo a reflexão da *Paidéia* ou educação². – Dito isto, convém acrescentar que os discípulos atrelados a seus mestres construíam uma relação muito singular entre si. Para esta compreensão bastam reforçar a ampla influência de Pitágoras e de seus continuadores, conhecidos como pitagóricos. Gerações foram sucedendo, para tanto, os deveres e os direitos (jurisprudência) continuaram sendo respeitados segundo as instruções recebidas.

Conforme Manacorda (1989), “a arte da palavra, a *institutio oratória*, se tornará de fato o conteúdo e o fim da instrução grega” (MANACORDA, 1989, p. 57, grifos do autor), assim como tinham iniciados a ensinar alguns sofistas, cujos mesmos são os ativos interlocutores de Sócrates nos diálogos platônicos. – Atestado isso, a difusão da escola e do ginásio atribuídos aos gregos permanece ainda hoje como fonte inconfundível e incontestável de exemplo simbólico e de praticidade para os estudos pedagógicos e educacionais em todo o mundo, apesar de quase não se falar muito disso em termos equivalentes. Isto é, a literatura da Grécia clássica nos propõe interpretá-la de tal modo – positivamente – que sua influência quer sim quer não, possui um forte vínculo com as culturas contemporâneas do século XXI. Ou seja, apesar de passados centenas de anos sua contribuição permanece inquestionável, para isso basta pensarmos nos grandes autores (escritores e artistas, principalmente) do período considerado.

A Educação na Roma Antiga

Na Roma antiga a educação moral, cívica e religiosa tem uma história com características próprias, “ao passo que a instrução escolar no sentido técnico, especialmente das letras, é quase totalmente grega” (MANACORDA, 1989, p. 72). A educação romana inicia-se na família, assim como na educação egípcia. Haja vista serem os pais os primeiros artífices de seus filhos, demonstrando neste sentido a função educativa do pai em relação a seu dependente de primeiro grau. Neste contexto pode-se dizer que “desde os primeiros tempos da cidade, a autonomia da educação paterna era uma lei do Estado” (MANACORDA, 1989, p. 74). Assim como os gregos, isto é constatado também e de forma literária por meio dos fragmentos de autores (Greco-romanos) tais como Cícero, Ovídio, Horácio, Sêneca, Plutarco e outros mais.

² Fundamental para compreendermos esta reflexão é a obra *Paidéia* de Werner Jaeger. Ver referências bibliográficas.

Por ser a educação iniciada no seio familiar, “não é surpreendente, portanto, que na Roma antiga não tenha existido durante muito tempo nenhuma forma de educação pública para a primeira infância” (MANACORDA, 1989, p. 75). Por vezes, esta educação refere-se sempre às classes dominantes, ignorando quase por completo aquelas consideradas subalternas. Por conseguinte, algo nos chama atenção:

O papel das mulheres na educação familiar não parece, portanto, secundário, conforme à maior consideração social que as mulheres romanas parecem ter gozado em confronto com as mulheres gregas (MANACORDA, 1989, p. 75).

Grosso modo, a atenção como um todo era direcionada a todas as faixas etárias. As crianças, os jovens e os adultos; todos tinham uma especial exigência e atenção voltada para si segundo suas capacidades em termos gerais (coordenação motora ou capacidade psicofísica).

Decerto, ou melhor, provavelmente a evolução histórica educacional na Roma antiga aconteceu “do escravo pedagogo e mestre na própria *família* ao escravo mestre das crianças de várias *famílias* e, enfim, ao escravo *libertus* que ensina na sua própria escola” (MANACORDA, 1989, p. 79, grifos do autor).

Como na Grécia estes escravos pedagogos foram quase sempre estrangeiros “bárbaros”, isto é, que falavam mal o grego; assim em Roma estes escravos mestres foram gregos que, falassem ou não o latim, ensinaram a própria língua e transmitiram a própria cultura aos romanos. Em suma, com o evoluir da sociedade patriarcal romana, a educação se torna um ofício praticado inicialmente por escravos no interior da família e, em seguida, por libertos na escola (MANACORDA, 1989, p. 75).

Conforme os hábitos e costumes da tradição grega, os romanos sempre estiveram atrelados, por assim dizer, a cultura helênica. Muito tempo após é que ideias orientais surgiram ou começaram a tomar forma entre os romanos. A literatura latina entre os romanos dá-se “pelas obras de alguns poetas estrangeiros, gregos de línguas e cultura, que escrevem em versos latinos poemas épicos, tragédias e comédias de tipo grego” (MANACORDA, 1989, p. 84). Daí surge, por exemplo, dois termos bastante utilizados atualmente: metódica e histórica que “correspondem hoje aos termos “gramática” (do grego) e “literatura” (do latim)” (MANACORDA, 1989, p. 86). – Apenas como uma simples observação é interessante

salientarmos que até então o termo *ciência*, como a entendemos contemporaneamente, não era usado como ideia de dominação em relação ao saber ou decifração do mundo real e concreto. Isto aparecerá depois, com as reformas (no fim do período medieval e início de período renascentista).

Educação na Idade Média

No limiar da Idade Média barbárica, o império romano passa a sofrer sua dissolução; antes, ainda continua a difundir seus ensinamentos e seus interesses por todo o mundo mediterrâneo. Contudo, neste momento, devido à perda do poder imperial, as várias regiões do imenso império começam a padecer com a entrada de outros costumes e hábitos. Ou seja, a partir do medievo “a evolução histórica foi diferente em cada região” (MANACORDA, 1989, p. 107). Todo o mundo do mediterrâneo inicia uma nova etapa de desenvolvimento cultural.

A Idade Média e a educação podem ser conjugadas à nova ideia de cristianismo. Pois é por intermédio desta “doutrina”, por assim dizer, que os ensinamentos serão direcionados a partir de então. De todo modo, deve-se ressaltar que tudo isso ocorre no hemisfério ocidental. No Oriente, considerando a China, a Índia e outras regiões, as coisas efetuam-se por outros princípios morais e éticos. Uma vez que a questão de crenças religiosas é divergente em ambos os hemisférios, assim como as disputas ideológicas e militares, as organizações políticas e aspirações às artes. – Aqui enfatizaremos a cultura ocidental em decurso na Idade Média, cuja mesma sofreu influência dos antepassados egípcio, grego e romano.

Inicialmente, a península itálica, efetivamente, se destaca como referência histórico-geográfica no que respeita ao cenário da educação no medievo. Isto também se tornará presente no Renascimento. Por ora, apenas a vida medieval nos interessa. Em todo caso, coloquemos em equilíbrio o mundo clássico e o mundo que se apresentará “moderno”. – Para Manacorda (1989), parafraseando-o, o princípio medieval expõe a decadência da cultura clássica. Eis, portanto, um fato bastante explícito que justifica este período como a idade das trevas, ou das sombras, ou ainda a idade pagã, envolto por muita simplicidade e total submissão às doutrinas eclesiais ou episcopais. Este fato se intensificou principalmente na Alta Idade Média, momento de maior ignorância, por assim dizer, da cultura ocidental. Embora isto não seja de toda uma verdade pura, convém acrescentar o seguinte: é desta época

dita cinzenta, que temos alguns dos mais eminentes autores da humanidade, dentre os quais, por exemplo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino (apesar de fazerem parte da vida clerical ou sacerdotal).

Admitindo uma ordem do sagrado, convém acentuar que o profano também estava próximo da matéria nos debates internos da igreja. A esta altura, nos diz Manacorda (1989), se referindo ao povo em geral, porém, enfatizando os bárbaros: “o repúdio e o esquecimento da cultura clássica já são um fato consumado” (MANACORDA, 1989, p. 113). Destarte,

No dualismo Estado/Igreja, o poder imperial e os seus cuidados pelas escolas ficaram enfraquecidos, mas os aspectos administrativo-culturais do domínio ficaram em parte nas mãos de romanos, organizados em sua igreja. E é justamente por obra da Igreja, como parte de suas atividades específicas, que *cultura* e *escola* se organizaram (MANACORDA, 1989, p. 114, grifo nosso).

No contexto em questão, Manacorda (1989) nos informa que o costume hebraico simbolizava a sinagoga como o centro ao ensinamento cristão. Deveras, o que se caracterizava era o saber coral e não o saber escrito. Tempos depois a valorização à pintura por meio de afrescos ilustrando episódios de personagens bíblicos passou a se fixar “para fins de aculturação ou edificação” (MANACORDA, 1989, p. 115), atribuindo à Igreja, hegemonia social; isto, em relação ao saber ou conhecimento das leis morais que regiam a sociedade da época. – Fora nesta ocasião que surgiram as escolas dos bispados e os mosteiros. Eram os padres ou monges (monges-artesãos, muitos deles), e conseqüentemente seus discípulos, grosso modo, que detinham o saber sistemático (geometria, astronomia, música, pintura, escultura e etc.) dentro da sociedade. A partir deste momento não apenas a Itália concentrava as relações do saber, mas também outros territórios. Pois outros povos começavam a adquirir este saber advindo da península itálica.

Além dos italianos, os clérigos gauleses ou francos, os lombardos ou germânicos e os ibéricos, herdando a tradição hebraica do Velho e do Novo Testamento, por meio da escolástica, começavam, por exemplo, a praticar as crenças, normas ou regras estabelecidas pelos itálicos, constituindo assim, o início expansionista geográfico da doutrina católico-cristã além da região de Canaã (terra prometida - palestina) e da região romana. Lembrando também que esta influência alcançou a região da Bretanha, sem, contudo, perder o vínculo com os centros religiosos (Jerusalém e Roma). No entanto, o que se ensinava malgrado o excesso

cânone ou canônico religioso, era aquilo comum a todos os povos: técnicas de produção (plantação e colheita: equipamentos), treinamento militar, medicina “escassa” e instruções menores (ofícios de prática diária relacionadas ao campo e a cidade – cidade ideia de *Polis grega*, talvez).

Chegando a Baixa Idade Média o “sistema” educacional passa a atingir pessoas até então rejeitadas como aptas ao conhecimento. Quer dizer, “a Igreja foi abrindo suas escolas episcopais e paroquiais também aos leigos, dando-lhes ao mesmo tempo instrução religiosa e literária” (MANACORDA, 1989, p. 143). Não obstante, como nos assinala Manacorda (1989), estas são escolas feudais, por vezes, gerenciadas pelas igrejas e pelos mosteiros, sob a regência, claro, das leis máximas ou dogmas oriundas do poder eclesiástico. É a partir deste período feudal que surgem as primeiras universidades européias, e conseqüentemente os mestres livres, cujos mesmo nos moldes como conhecemos hoje. Conquanto, ensinando ciência, do qual teologia e didática, e também filosofia, além dos outros saberes já referidos.

Educação Renascentista e o advento da educação moderna

A educação renascentista se configurando com a pedagogia humanista, passando pela Reforma e Contra Reforma da Igreja Ortodoxa Católico-Cristã até a Revolução Francesa, constitui, assim consideramos um marco significativo na história da educação e da cultura ocidental. Neste momento, há a introdução de um novo ponto de vista para com o mundo real e concreto existencial. A Ciência garante status singular em relação aos séculos de outrora. Foi neste período que o mundo vivenciou as grandes revoluções históricas e sociais até então jamais efetuadas. Partindo desse pressuposto, porém, de modo muito simples e brevemente, torna-se compreensível citar os Grandes Descobrimentos Marítimos, a eloqüência literária de Shakespeare, o gênio de Da Vinci, a atenção política de Maquiavel, o teor científico de Copérnico, Galileu e Newton, entre muito outros autores; embora se diga que o renascimento equivale quase em sua totalidade à Toscana, em especial, à Florença. Neste contexto surge o humanismo.

O humanismo nasce aristocrático, e, embora nenhum outro movimento cultural tenha dedicado maior atenção aos problemas do homem e da sua educação, todavia o renovado contato com os clássicos gera nos novos intelectuais uma aversão não somente pela

cultura medieval, mas também pela sua forma tradicional de transmissão, a escola (MANACORDA, 1989, p. 175).

Contudo, nenhuma outra cultura - a não ser por intermédio da pedagogia humanística - tenha sido tão sensível aos problemas da formação do homem. Com isto, uma força moral floresce com uma perspectiva outra promovendo reações divergentes com a ordem estabelecida: a Reforma protestante. O ideal deste movimento era dispor à população o aprendizado sem mediação clerical. – O manifesto de Lutero provocou reações opostas às ordens da igreja, provocando assim, a chamada Contra Reforma; da qual o clero foi obrigado a articular-se objetivando aproximar cada vez mais as pessoas dos ensinamentos bíblico-evangélicos. Situação de resistência e de muita polêmica.

Exposto isto, assinalemos: no fim do século dezesseis “(1586-99) apareceu o *Ratio studiorum*, que regulamentou rigorosamente todo o sistema escolástico jesuítico: a organização de classes, os horários, os programas e a disciplina” (MANACORDA, 1989, p. 202, grifo do autor). Contribuindo com o desenvolvimento de outros estudos como a gramática, poesia e retórica; filosofia, que englobava lógica, física e ética; metafísica, psicologia e fisiologia, além da própria teologia. – Passados pouco mais de um século, ainda assim percebe-se, neste contexto, quase um paradoxo entre o ler e o escrever como competências e habilidades básicas para a instrução humana.

O ler concerne essencialmente ao ensino religioso, à doutrina, às Sagradas Escrituras; o *escrever*, que em seus mestres e lugares próprios, concerne a uma técnica especificamente material, que exige cuidados particulares e é voltado a preparar para o ofício. Temos, então nas duas técnicas a coexistência de suas instruções diferentes: a aculturação religiosa e moral e uma pré-aprendizagem das profissões artesanais mercantis (MANACORDA, 1989, p. 232, grifo nosso).

Cronologicamente seguindo a seqüência por nós estabelecida, convém salientar que “o iluminismo põe definitivamente em crise o humanismo” (MANACORDA, 1989, p. 235). Com efeito, a partir do momento do florescimento da ciência moderna, o latim deixou de ser a língua universal. O movimento iluminista, apesar de sua inegável contribuição, trouxe, assim inferimos uma nova crise para o pensamento humano. No entanto, é ainda deste contexto que se originam os enciclopedistas. – Bem entendido, se manifestou com intensa influência nesta

fase um dos pais da pedagogia moderna: Rousseau³. – “Sem dúvida, Rousseau revolucionou totalmente a abordagem da pedagogia” (MANACORDA, 1989, p. 235), privilegiando o conceito de homem, cujo mesmo o chamaremos de “antropológico”. Isto, em razão de direcionar sua atenção ao sujeito, sendo este criança ou adulto, golpeando, por assim dizer, a abordagem epistemológica, que simplesmente enfatizava o infantil ou a criança como já pronto. Obviamente para Rousseau – parafraseando-o – a natureza era a mestra suprema na educação de qualquer ser humano em formação.

A proposição, ou melhor, a intervenção estatal e a laicização da e na educação neste período tornou-se emergente devido aos acentuados conflitos morais entre o clero e o Estado. Assim sendo, ao optar pelo ensino laico, o Estado buscou o controle sobre o que se ministrava nas academias, ginásios ou liceus (Universidades) já existentes. Ao manter este domínio, por assim dizer, sob a sociabilidade, o Estado assegurava a ideia sublinhada de política soberana. Com isso, passa a intervir nas discussões morais em sentido literal. Muito embora saibamos que a igreja, nesta mesma fase, ainda mantinha um forte poder controlador sobre o povo. Uma vez que é o clero promove o perdão dos pecadores e dos pagãos, além de induzir à família a não dispersar-se. Para tanto, este quadro histórico permaneceu ambíguo. Posto que Estado e Igreja, implicitamente, guerreavam ente si.

– Com o advento das novas relações humanas, quer dizer, com as instalações de fábricas ou indústrias nos grandes centros urbanos como Londres, Paris, Berlin, Roma, entre outras cidades, emerge a moderna instituição escolar pública. Assim diz-se, categoricamente e de maneira irônica: “fábrica e escola nascem juntas” (MANACORDA, 1989, p. 249). Quase simultaneamente nasce “a economia política, como análise científica e como “ideologia” destes novos processos” (MANACORDA, 1989, p. 249). Contudo, as revoluções na América e na França contribuíram de modo positivo para esta realização. Tanto que “o processo de politização, democratização e laicização da instrução tem origem na consciência dos indivíduos e na prática dos Estados” (MANACORDA, 1989, p. 249). – As vozes desta época clamam: a educação deve ser gratuita, seu estatuto deve estar ao serviço do povo e do desenvolvimento cultural das nações. Todavia, isto não se concretiza como planejado. Havia sempre um impasse entre abastados e simples camponeses, cujos mesmos viviam numa mesma sociedade, mas dividida economicamente. Outrossim, a Igreja e o Estado se

³ A obra pedagógica de referência de Rousseau intitula-se *Emílio ou Da Educação*, de 1762. Ver referências bibliográficas.

enfrentavam continuamente com ideias contraditórias uma às outras. Implicando a real democratização da instrução humana. Assim sendo, vê-se que a ideia de direito limitava-se a um reduzido número de pessoas.

Ao despontar o século XIX as coisas aspiram há uma nova mudança no cenário educacional ou instrucional oficial. Uma vez que as revoluções mecânicas ou industriais permanecem em ascese constantemente. Ademais, isto certamente moldou todo o pensar sobre o mundo, cujo mesmo diariamente apresentava mudanças em todos os graus ou níveis de desenvolvimento humano ou civilizacional.

A educação nos séculos XIX e XX: breve análise crítica

A educação no século XIX, ou melhor, a Europa do século XIX testemunhou, grosso modo, inúmeros acontecimentos ou eventos que marcaram a história da cultural ocidental. Pois a partir da Europa, a América e a Ásia, principalmente, passaram a estabelecer ou a seguir o padrão educacional oriundo daquele continente, especialmente da Europa Ocidental. De maneira acentuada, a continuidade da revolução industrial e a explosão demográfica nos centros urbanos, com o aumento do fluxo de migração campo-cidade, contribuíram significativamente para o desenvolvimento acelerado do “novo modelo educacional” iniciado na Europa, e, neste contexto, difundidas pelo mundo, conquanto que o imperialismo do século XIX apresentou mudanças e alterações intensas nas relações humanas. Além destes acontecimentos, pode-se considerar que a reforma no modo pedagógico de “ensinar” ou difundir o conhecimento de maneira um pouco mais acessível às camadas dominantes (a burguesia)⁴ e aquelas menos favorecidas socialmente começam a ganhar terreno e respeitabilidade, apesar de muita resistência por parte das elites da época, assim acredita-se. – Contextualizando, o século XIX sofreu, em grande parte, o impacto da Revolução Industrial iniciada no século XVIII, bem como fora influenciado pela Revolução Francesa.

“O século XIX representa o período da consolidação do poder dos burgueses” (ARANHA, 1998, p. 138). Bem como a consolidação de muitas ciências tais como, por

⁴ Lembrando que o conhecimento, neste contexto, se concentrava no seio da administração eclesiástica (Igreja). Apesar da existência das Universidades, o conhecimento partia do saber teológico. Em outros termos, se observamos atentamente, é possível constatar que os mais eminentes pensadores alemães, por exemplo, eram padres ou faziam parte da vida religiosa.

exemplo, a Sociologia (Durkheim como um dos mais eminentes representantes desta ciência nascente), a Biologia, a Geografia e outras tantas. Neste contexto, por exemplo, outro nome expressivo da época como Spencer escreveu uma obra intitulada *Educação*, na qual “considera o ensino das ciências o centro de toda a educação” (ARANHA, 1998, p. 140).

É interessante frisar que é a partir de uma necessidade expressiva e singular que o século dezenove marca um novo momento na história mundial. A era dos impérios, a era dos revolucionários políticos entre muitas outras coisas, se dão neste período. Porém, devemos recordar que tudo isso é resultado, obviamente, dos séculos anteriores. Em todo caso, o século XVIII foi o momento da reviravolta intelectual na e da moral e ética humana. A respeitabilidade direcionada ao povo ganha expressão maior neste contexto quando, principalmente, da revolução burguesa ocorrida em Paris (na França). Diante disso, a educação tem sua atenção sublinhada. Entretanto, ainda assim sofrendo intensa resistência elitista. Em todo caso, o século XIX germinou (fertilizou) e fez se manifestar muitos intelectuais preocupados com a questão educacional. Grosso modo, nos principais países da Europa. – Diante o cenário aqui evocado, o idealismo de Hegel promoveu alterações profundas, uma vez que para este autor “a educação é um meio de espiritualização do homem, cabendo ao Estado a iniciativa nesse sentido” (ARANHA, 1998, p. 141). Assim como Hegel, as ideias socialistas de Marx e Marx & Engels também causaram intensas transformações no modo de pensar das sociedades ou de se pensar os hábitos e os costumes dos povos ocidentais, especificamente, no continente europeu. Partindo deste pressuposto, a teoria dita marxista, ou o materialismo histórico-dialético, envolveu muitos personagens no âmbito da Educação e da Pedagogia (instrução humana) e conseqüentemente inverteu a perspectiva idealista de Hegel e de seus filiados.

De todo modo, a intervenção da ciência por meio das máquinas (industrialização, fábricas, produção em larga escala, jornadas de trabalhos e etc.) começa a provocar conflitos sociais bem acentuados. Um tanto estranho é afirmar que os homens a partir de então se afastam cada vez mais da ideia de natureza pura (proposta idealizada por Rousseau, por exemplo: Educação utópica), pois passam “não somente das oficinas artesanais as fábricas, mas também dos campos para a cidade” (MANACORDA, 1989, p. 270). Ainda mais há de acrescentar que esta ideia nos sugere quando os homens se distanciam de Deus, uma vez que trocam suas práticas intrínsecas por outras que não lhes pertencem. – Exposto este ponto

pergunta-se: as coisas começam a estar fora do lugar? Bem entendido, pode-se dizer que a nova moldura social transforma a visão de mundo. Contudo, apesar das tecnologias que avançam aceleradamente, a religião ainda sim mantém um forte laço de permanência de sua “prole” arraigado ao ensinamento do comportamento humano.

Note-se, como dito: a educação, que antes era um privilégio de poucos, agora acompanha ou alcança um público mais amplo. Esta tendência se intensifica principalmente em meados do século XIX. A primeira metade do referido século esteve atrelado ao anterior. Com o advento de novas ciências a partir da segunda metade do século, atribuídas às novas necessidades sociais, é que a instrução humana se fortalece no sentido de questionar a ideia do divino e promover o homem como o ser de dominação do mundo. A instrução técnica substitui a instrução clássica. Vê-se, neste momento, que ideias conservadoras se conflitam com as novas tendências. Exposto isto, podemos acrescentar que o século XIX direcionando-se ao XX, revolucionou, por assim dizer, o modo de se pensar o mundo. A Física, a Química, a Biologia, apenas para citar algumas ciências, contestavam ininterruptamente o mundo dito absoluto. Algo, decerto, que contribuiu para o “progresso educacional científico” – talvez –, como é possível observar nos dias de hoje.

Neste intento, o marxismo e os problemas educacionais são interessantes do ponto de vista histórico-cultural, uma vez que este movimento introduziu um novo modelo social: o socialismo e a pedagogia social do capital evocado por Marx. Porém, uma “doutrina” com falhas, pois não promoveu o que pretendia. Com isso, convém ressaltar que as críticas de Karl Marx se posicionam da seguinte maneira: a educação deve ser direcionada para o trabalho; o operário deve receber instrução para aumentar o capital, ele está destinado a aumentar a riqueza social. Portanto, a renovação cultural deve se conjugar a ascensão dos bens materiais refutando os bens espirituais. Nesta linha de raciocínio é possível perceber ambigüidades, paradoxos, contradições. Isto, em virtude de que Marx além das críticas direcionadas a sociedade de sua época, acreditamos que desenvolveu manuais de instrução capitalista (algo explícito hoje). Para fundamentar este argumento é necessário o leitor efetuar leituras de suas obras. – Apesar de tudo, suas inegáveis contribuições para o desenvolvimento social são reconhecidas em todas as culturas.

Na perspectiva marxista pode-se acrescentar que “Marx não nega que o homem tenha ideias, mas as explica a partir da *estrutura* material da sociedade em que vive” (ARANHA,

1998, p. 141). Assim sendo e de forma simples, entende-se que a *superestrutura* social se constitui por meio da filosofia, ciência, moral, Direito, artes e pedagogia, já a *infraestrutura* se expressa nas condições materiais ou econômicas da sociedade. Conquanto, as ideias socialistas e suas concepções pedagógicas, do ponto de vista epistemológico, “rejeitam os pressupostos idealistas e ao materialismo tradicional contrapõem a dialética. Do ponto de vista político, denunciam a exploração de uma classe por outra e defendem a educação universal e politécnica” (ARANHA, 1998, p. 142). Efetuando, por assim dizer, “a desmistificação da alienação e da ideologia, ou seja, a conscientização da classe oprimida” (ARANHA, 1998, p. 142). Neste sentido, pode dizer que *a ideologia faz com que o interesse de poucos se torne necessidade de muitos*⁵.

Uma vez dito isto, voltemos um pouco no tempo (antes do marxismo) para uma rápida e breve compreensão no que concerne a ideia de educação no século XIX. Bem entendido, os principais pedagogos ou representantes teóricos deste período como “Pestalozzi, Froebel e Herbart atuaram de maneira significativa no cenário da educação do século XIX” (ARANHA, 1998, pp. 142-143). Além de trabalharem a ideia de educação e pedagogia, estes autores também desenvolveram seus trabalhos por uma perspectiva psicológica, principalmente Froebel e Herbart. Vejam-se neste momento que todos os autores referidos são estudiosos europeus; algo que facilitou a influência acentuada sobre o sociólogo Durkheim. – Para Herbart, exemplificando, a conduta pedagógica se orienta por três procedimentos básicos: o governo, a instrução e a disciplina. O governo é a forma de controle submetendo à criança as regras do mundo adulto a fim de tornar possível a instrução. A instrução, por sua vez, é o procedimento principal da educação, pois supõe formar – formação do ser social. Uma vez que “a educação tem justamente por objeto formar o ser social” (DURKHEIM, 1984, p. 05): o homem. Já a disciplina procede como a conduta pedagógica que mantém firme a vontade em relação à autodeterminação característica do amadurecimento moral do indivíduo.

À priori, Durkheim no contexto educacional do século XIX produziu seus estudos relacionados à educação a partir do final do referido século. Suas produções surgem após intensas investigações concernentes à formação ou instrução na França de seu tempo. Com isso, Durkheim faz-se erguer a filiação criança versus adulto, porém, dialogando sabiamente e de forma coerente. Entrementes, no século XX as coisas apresentam-se com tendências às

⁵ Grifos nossos.

mudanças. Quer dizer, apesar de viver apenas até a segunda metade da década de 1910, Durkheim (1858-1917) vive o máximo para seu ideal educacional. Isto é, por não viver muito tempo nos novos tempos de ascensão e expansão capitalista, o sociólogo francês já observara as premissas do futuro da educação, em especial na França. Este fato é possível de ser constatado em seus escritos referentes à educação como um todo.

Durkheim sempre acreditou nas ciências, por isso sua incansável ambição em elevar uma teoria apropriada sobre educação. As inovações apresentadas por ele em sua obra póstuma *Educação e Sociologia* (1922), por exemplo, demonstra sua preocupação no campo pedagógico.

Antes de Durkheim, a teoria da educação era feita de forma predominantemente intelectualista, por demais presa a uma visão filosófica idealista e individualista. Durkheim introduz a atitude *descritiva*, voltada para o exame dos elementos do fato da educação, aos quais aplica o método científico. Como sociólogo, enfatiza a origem social da educação (ARANHA, 1998, p. 166, grifo do autor).

Para entendermos a citação anterior é preciso dizer que “a educação é uma *instância mediadora* que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade” (ARANHA, 1998, p. 15, grifo do autor). Direcionando este indivíduo para a sociabilidade efetiva (formação do ser social), a abordagem de Durkheim favorece ações deterministas por parte da sociedade como um todo complexo. Uma vez que o indivíduo segue uma sociedade regrada.

A vantagem durkheimiana está no mérito de ter acentuado o caráter social dos fins da educação. Além disso, instituiu a pedagogia como disciplina autônoma, desligada da filosofia, da moral e da teologia. Os limites dessa abordagem se encontram na sua parcialidade. Ao enfatizar a origem social da educação, Durkheim desenvolve uma concepção determinista, segundo a qual a sociedade impõe os padrões de comportamento (ARANHA, 1998, p. 167).

Uma vez dito isto, há que ressaltar os mais diversos campos de pesquisa psicológica no âmbito da educação: o positivismo, a fenomenologia (como crítica do naturalismo), o behaviorismo, a Gestalt, o pragmatismo, a nova escola. – Neste particular, as análises de Gramsci, Vygotsky e Piaget, por exemplo, não nos convém, por não ser nosso propósito tratá-los aqui. Apesar de suas inquestionáveis contribuições; assim como outros. Destarte, a influência sociológica do pensamento de Durkheim no âmbito da educação atingiu outros

campos do saber. Em virtude disso, pode-se inferir ser “a educação é um “fato social”” (VARES, 2011, p. 31) plenamente.

A transição do século XIX-XX fora o momento de novas exposições ou novas ideias sociais. Para tanto, os programas mundiais surgidos principalmente após a Segunda Guerra Mundial favoreceram a efetiva jurisprudência da educação. Inicialmente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos proposto pela ONU contribuiu significativamente para tal realização. A partir de então a educação demonstrou ser uma preocupação, ou melhor, ser uma questão política. Daí, por exemplo, o surgimento de leis específicas relacionadas à educação e sua sistematização, considerando seus protagonistas: as crianças, especialmente⁶. As Constituições Federais ou Nacionais dos países membros da ONU (leis máximas de qualquer país) a partir do pós-guerra aderiram o apelo desta organização em protocolar à educação como parte de suas expressivas ações político-sociais de administração. Ver, por exemplo, a Constituição brasileira de 1988.

O advento do século XX insurgiu outros costumes em todos os continentes. O referido século promoveu o que a humanidade nunca havia vivido: as duas guerras mundiais, a aceleração exacerbada do capitalismo, a revolução nuclear, as revolução nas telecomunicações, a bipolarização entre potências nacionais e muitas outras coisas. Neste período emergiu a Nova Escola. Uma espécie de restauração ideológica nos parâmetros educacionais pelo mundo. Apareceram neste contexto novas classes sociais e os Estados, juntamente com os partidos políticos, se preocuparam com essa ruptura, por assim dizer, na harmonia hegemônica até então estabelecida. – De modo genérico, o século XXI é resultado explícito deste modelo. O que vivemos hoje fora fecundado já na primeira metade do século da Guerra Fria. A ideia de Terceiro Mundo surgiu neste período de intrigas ocultas entre sistemas econômicos e ideologias divergentes.

Notavelmente, devemos reconhecer que o campo da psicologia neste meio surge como apoio regular no que confere aos estudos do comportamento humano. Trabalhar a mente humana em meio a todo este fluxo de informações tornou-se fundamental para estabelecer uma reflexão sobre o que o homem pensa e como o mesmo deve agir neste mundo em desordem. As pesquisas e a investigações continuaram, as novas metodologias foram

⁶ De modo muito simples, pode-se se referir, por exemplo, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente que asseguram direitos e cuidados especiais, tal como acesso à educação formal gratuita a todas as crianças. Ver a Lei nº 8. 069 de 13/07/1990, que regulariza o Estatuto.

aclamadas, mas a educação como sempre mostrou sua complexidade por inteiro. – Formar o homem para a vida não é fácil, no entanto, é possível orientá-lo numa direção em que possa viver melhor. Toda atividade humana requer atenção e esforço, deste modo, compreender o comportamento do ser-do-homem se configura como a pedra angular dos estudos de reflexão prática. E o plano pedagógico serve como base primordial para este fim.

Criticamente, continuando nosso estudo há de pontuar o seguinte: a instituição, cujo nome escola, faculdade ou universidade, além de incluírem os cidadãos no meio social, também excluem significativamente. As ideias de cotas são uma soma inexorável da noção de educação atualmente. A ideia de democracia neste contexto ganhou expressão maior, é verdade, porém, efetivamente esta ideologia não passa de um ideal utópico. – Algo a se pensar.

Adendo: com o surgimento efetivo de intensas fábricas e conseqüentemente da industrialização, originaram-se na Europa as chamadas escolas infantis, cujas mesmas podemos denominá-las hoje, criticamente, de depósitos de crianças (creches). Quer dizer, essas escolas rotuladas de infantis em realidade serviam como instituições (abrigos) para que os pais deixassem seus filhos não em casa ou nas ruas, mas protegidas pelo “governo”. Algo que refutamos intencionalmente. A partir de então este modelo de escolas atingiram outros continentes de tal maneira que hoje este *sítio urbano*⁷ prevalece como lei, especialmente, nos grandes centros urbanos (metrópoles). Novamente refutamos tal ideologia.

Qualitativamente, desde o final do século XIX e início do século XX aos nossos dias (século XXI), há um combate grosseiro e gritante - literalmente falando - entre o público e o privado no que se refere à educação, do qual consideramos que esta estratégia esquemática, esquizofrênica e neurótica estraga a ideia de Educação. Em outras palavras, a ideia efetiva de educação contemporânea se distancia demasiadamente daquela ideia inicial promovida por nossos ancestrais, como foi possível verificar ao longo do texto. Hoje se prefere à técnica pragmática, mecanicista e imediata (superficial, e, portanto, absurda, cega) em detrimento do conhecimento moral e ético mediato (essencial para a formação humana). Hoje, há mais cursos técnicos do que cursos éticos; mais cursos voltados para o mercado de trabalho (letrados) do que cursos voltados para a excelente formação humana de qualidade

⁷ Grifos nossos.

(intelectuais). Assim sendo, a educação contemporânea (capitalista e globalizada) é quase um anarquismo disfarçado.

Ainda em relação à educação em termos gerais, criticamente afirmamos que somos adestrados e não instruídos (recebemos adestramentos e não instruções: somos domesticados. Com isso se diz que a educação atual é opressora. Apesar de que essa opressão é camuflada). De certo, “a sala de aula não pode e não deve ser tomado como uma linha montagem” (SILVA, 2002, p. 81). E mais: “a escola não é partido político” (FARIA, 1984, p. 79). Com efeito, pois buscando compreender as ideias de AIE assinalados por Althusser (1970), há de salientar o AIE escolar, especificamente. – Pois para este autor “a Escola e as religiões ‘adestram’ por métodos apropriados de sanções, exclusões, seleção, etc.” (ALTHUSSER, 1970, p. 14; 2007, p. 79). Ainda mais, permitam-no dizer: no concerto da ideologia, a música silenciosa “se trata da escola” (ALTHUSSER, 1974, p. 43). Não obstante, a escola (a pedagogia; o ensino; a educação) “exige apenas submissão. O único objetivo é adestrar à forma e à matéria” (STIRNER, 2001, p. 77). Como se pode mencionar, a escola torna-se vítima da “contaminação ideológica” (SEVERINO, 1986, p. 45). Por vezes, sabemos que a ideologia é uma “linguagem entre os homens” (WERNECK, 1984, p. 41). Além do mais, quando Nietzsche nos fala das escolas superiores alemãs, podemos dizer o mesmo, porém, das escolas brasileiras. Em suma, Nietzsche nos diz: “o que as escolas superiores da Alemanha efetivamente alcançam é um adestramento brutal que, com o menor dispêndio possível de tempo, visa tornar um grande número de jovens aproveitável, *explorável* para o serviço do Estado” (NIETZSCHE, 2009, p. 71, grifo conforme a tradução). Com isso diz-se: a ideia de educação precisa ser repensada urgentemente nos dias atuais. Educar é transformar para o melhor e não o contrário. Educar é compreender a alteridade e não ocultá-la. Educar é crescer ontologicamente.

A educação como ação transformadora do meio social: desenvolvimento psicossocial humano (breve análise da educação conforme Durkheim)

Buscando contextualizar a ideia de educação como desenvolvimento do e no meio social e do mesmo modo relacionando educação e sociologia, devemos compreender a ideia de educação em Durkheim. Assim sendo, inicialmente considera-se de certo modo que para Durkheim a educação como relação social é voltada para os interesses de uma sociedade, por

vezes, existindo se entre seus membros houver uma determinada afinidade. A educação é responsável pela construção social do indivíduo, no que se refere aos valores morais, étnicos e religiosos. Uma vez que “através da educação, o ‘ser individual’ transforma-se em ‘ser social’” (FILLOUX, 2010, p. 15). – Como podemos deduzir, a família constitui a gênese do direcionamento educacional (da pedagogia), mas é na escola que o conhecimento é sistematizado. Assim inferimos que para Durkheim a educação é uma ação exercida pelas gerações maduras ou adultas em relação àquelas que ainda não possuem o necessário e o básico (conhecimento) para a vida social efetiva (adultas). Como será possível averiguar logo adiante.

Em sentido crítico do ponto de vista sociológico, Durkheim nos propõe que o sistema educacional, ou podemos chamá-lo sistema escolar, é autônomo. Porém, ligado à ideia de coletividade permanente. Contudo, faz parte de uma estrutura ou sistema social maior. Neste contexto, a educação é uma parcela de um todo complexo e muito bem traçado e/ou planejado para difundir, por assim dizer, ideologias⁸ (algo depois retomado com afinco por Althusser e outros mais).

A pedagogia como é sabido, é a teorização da prática educativa. Com isso, o meio escolar torna-se o ambiente, grosso modo, adequado para o desenvolvimento da noção de extensão familiar, buscando vincular o senso de grupo, por parte dos participantes da ação educacional, envolvendo todos os personagens regulamentados na vida pedagógica. Entrementes, não confundindo família e escola.

A relação mestre e aluno, ou melhor, docente e discente, além da dialética, assim entendido, sócio-disciplinar, alcança a dimensão psicológica de ambas as partes. Para tanto, há uma exigência singular a partir do papel desempenhado pelo mestre em sala de aula junto aos indivíduos com menos experiências vividas, assim consideradas.

O espaço por excelência de vivência e controle do corpo discente é a sala de aula, isso não implica dizer que não existam outros espaços ocupados pelos alunos: o pátio, os corredores, os banheiros, a biblioteca, a sala do diretor, etc. Diversos são os espaços de circulação, contudo nenhum se equipara ao espaço da sala de aula (ARRIADA; NOGUEIRA; VAHL, 2012, p, 42).

⁸ “Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” (FREIRE, 2008, p. 125, grifo nosso).

– Durkheim nos diz que os professores devem instruir sem interferir na vida, nas concepções ou visões de mundo dos estudantes. Conciliar a conscientização dos indivíduos de seu dever social dentro da sociedade no qual se insere, e no mundo como um todo complexo. Devemos ressaltar que um dos elementos que fundamenta a sociedade é a educação. A instrução, em sentido geral, é algo singular dentro de qualquer sociedade humana, apesar de todas as dificuldades existentes em promovê-la. Para tanto, devemos evidenciar criticamente que a sala de aula torna-se o espaço, o ambiente apropriado para a ideia de controle das práticas educacionais na escola.

Podemos inferir que educar é transformar. Neste sentido, instruir é evoluir intelectualmente ou avançar em direção a adquirir conhecimento para saber agir “conscientemente” e de modo “crítico” na e em sociedade (no mundo). Devemos entender que “a educação variou muito de acordo com os tempos e os países” (DURKHEIM, 2013, p. 46). Por isso, houve inúmeros meios de aplicar a ideia de pedagogia em todas as sociedades. Com isso, tanto quanto “não existe, por assim dizer, nenhuma sociedade em que o sistema de educação não apresente um duplo caráter: ele é ao mesmo tempo singular e múltiplo” (DURKHEIM, 2013, p. 50). Ele é múltiplo e singular, uma vez que “há tantos tipos quanto meios de educação diferentes” (DURKHEIM, 2013, p. 50), como ação transformadora do meio social e humano.

Neste sentido explícito, “para que haja educação é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelos primeiros sobre os segundos” (DURKHEIM, 2013, p. 50), envolvendo uma ação recíproca e intrinsecamente considerando as faixas etárias, por assim dizer. – Para Durkheim

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social (DURKHEIM, 2010, p. 36, grifo nosso). Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 2013, pp. 53-54, grifos conforme a tradução).

Neste contexto, “a educação constitui uma ação intencional e direcionada de uma geração preparada sobre uma geração despreparada socialmente” (VARES, 2013, p. 168). Com efeito, a educação garante a continuidade da vida social, posto que a “*educação é, pois, um fato social*, um fenômeno que reflete a própria realidade social” (VARES, 2013, p. 169, grifo nosso). Por conseguinte a educação, pois, “ela cria um novo ser no homem” (DURKHEIM, 2013, p. 55). Por meio da educação engendra-se uma nova ordem social. A sociedade é um complexo organizado, porém, incompleto, por isso necessita de ações humanas que a deixe suficientemente próximo do ideal (algo como o proclamado por Platão na República). Entrementes, “o homem só é homem porque vive em sociedade” (DURKHEIM, 2013, p. 58). Eis a razão do valor social da educação como força de organização da sociedade.

Exposto isto, convém salientar uma questão inovadora, do ponto de vista crítico-sociológico para época em questão, no qual Durkheim efetua: a diferenciação entre educação e pedagogia. Lembrando, pois que até aquele momento não havia uma verdadeira distinção entre ambos os termos. Para o sociólogo francês “muitas vezes se confunde educação e pedagogia, termos que no entanto podem ser cuidadosamente diferenciados” (DURKHEIM, 2013, p. 75). Para tanto se diz que “a educação é a ação exercida nas crianças pelos pais e professores. Esta ação é constante e geral” (DURKHEIM, 2013, p. 75). O cotidiano vivido pelas pessoas. Sendo assim, de forma simples Durkheim nos fornece uma melhor compreensão sobre os dois termos da seguinte maneira:

A educação [...] é um conjunto de práticas (DURKHEIM, 2013, p. 78). A Pedagogia é uma teoria prática [...]. Ela não estuda cientificamente os sistemas de educação, mas reflete sobre eles no intuito de fornecer à atividade do educador ideias que o dirigem (DURKHEIM, 2013, p. 86).

Além disso, “existe uma educação inconsciente e incessante” (DURKHEIM, 2013, p. 75). Posto que “a educação é uma coisa eminentemente social” (DURKHEIM, 2013, p. 98); e o social da educação neste sentido é algo transmitido, por assim dizer, hereditariamente. Tanto quanto, “a Pedagogia é algo completamente diferente. Ela consiste não em ação, mas sim em teorias” (DURKHEIM, 2013, p. 75). Deste modo, pode-se inferir que para Durkheim a educação é conhecimento prático, enquanto a pedagogia conhecimento teórico. Uma vez

mais: “a educação constitui apenas a modalidade prática da Pedagogia, que, por sua vez, consiste em uma certa maneira de refletir sobre as questões relativas à educação” (DURKHEIM, 2013, pp. 75-76). – Este ponto de vista adotado por Durkheim torna a educação, juntamente com a pedagogia, ações transformadoras do meio social.

Nesta perspectiva, ainda se pode acrescentar que “cada tipo de povo possui uma educação que lhe é própria e que pode defini-lo ao mesmo título que a sua organização moral, política e religiosa. Trata-se de um dos elementos da sua fisionomia” (DURKHEIM, 2013, p. 104), e para isto, a escola promove o seu desenvolvimento cultural, pois se entende por um “microcosmo social que é a escola” (DURKHEIM, 2013, p. 117). Bem entendido, “a escola é a responsável pela formação do indivíduo-cidadão” (VARES, 2013, p. 160). Assim sendo, deve-se ressaltar que

Na perspectiva durkheimiana, a educação é antes um produto da vida social, cuja função primacial é a manutenção da própria sociedade. Disso decorre que cada sociedade tem um sistema educativo próprio, que atende às necessidades imediatas, afinal, não faz sentido pensar numa educação que atente contra a sobrevivência de seu meio social (VARES, 2013, p. 164).

Em relação à moral, é possível dizer que a família e a escola formam, assim, o ser social. Apesar de a escola seguir ou manter uma ideologia dominante.

A capacidade crítica dos indivíduos é o que configura a verdadeira autonomia humana e, à medida que não se trata de um dado inato, é sobre a escola que recai a responsabilidade de ensiná-la às crianças e, por conseguinte, às gerações adultas (VARES, 2013, p. 208).

Além da própria escola e do sistema educacional legal existente, há uma questão que exige atenção: a educação, primeiramente, fecunda e germina no seio da família. Portanto, a responsabilidade para com a formação do ser social, surge, antes, no seio familiar. Educar acontece familiarmente.

– Educação é transcendência. Uma ação permanente ou constante que o indivíduo ou o sujeito efetua consideravelmente por toda vida, mesmo sem saber deste exercício ou atividade diária promovida desde o levantar-se ao deitar-se (quase um mito de Sísifo. Estamos condenados a aprender todos os dias).

Considerações

Chegado às considerações, é o momento de acrescentar algumas observações não pontuadas no corpo do texto. Certamente a abordagem aqui efetuada não esgota as possibilidades e as hipóteses consideradas. Por meio da crítica concisa, ou seja, buscando compreender que falar de educação é muito difícil e desafiador, em síntese, o que fora evocado é apenas uma pequena parte daquilo que se pretende mais adiante: desenvolver um estudo sistemático referente à história da educação, e obviamente, no Brasil.

Acreditamos ter alcançado, neste primeiro instante, o objetivo proposto: introduzir uma interpretação breve e muito simples, claro, a respeito da história da educação no contexto do mundo, desde os tempos antigos aos dias atuais. Enfatizando alguns critérios básicos para atingir este embate implícito e explícito, utilizamo-nos das abordagens de Mario Manacorda como o principal autor sobre a história da educação; do mesmo modo optamos por Durkheim como o sociólogo e o filósofo no que diz respeito à educação, sendo complementado por outros autores. Como já referido na introdução, outros autores apesar de não terem sido expostos ao longo do texto, todos merecem seus méritos como excelentes contribuintes no que se confere à educação.

Ao tratarmos da história da educação, especificamente, até o final do século XX - como fora possível acompanhar -, temos em mente a ideia de que ao florescer o século XXI as coisas seguiram outras direções. Quer dizer, obviamente um estudo de tal magnitude exige outro trabalho com um grau de sistematização relativamente mais elevado do ponto de vista histórico-cultural e crítico. Algo não promovido no presente texto.

Talvez pareça ridículo, mas acreditamos ser este manuscrito uma simples contribuição, uma somatória positiva em se tratando da história da instrução humana em várias culturas existentes pelo mundo. Mostrar um pouco do que aconteceu e ainda ocorre sobre a ideia de educação no mundo, fora exatamente o nosso intuito neste breve, simples e humilde texto. Por ora é isso o que consideramos como a funcionalidade social de qualquer pesquisador comprometido com a área educacional de qualquer país (mostrar, traduzir, decifrar o mundo). Além de atuar conforme os princípios básicos da ética profissional e humana. – Educar é metamorfosear-se, num bom sentido.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10ª ed. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. São Paulo: Graal, 2007. 128p.

ALTHUSSER, Louis. **Ideología y aparatos ideológicos de Estado**. Traducido por Alberto J. Pla. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974. 88p.

ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État (notes pour une recherche)*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie, Paris: Éditions Sociales, n° 151, pp. 03-38, juin. 1970.

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; VAHL, Mônica Maciel. *A Sala de Aula no Século XIX: disciplina, controle, organização*. In: **Conjectura: filosofia e educação**, Universidade de Caxias do Sul (UCS), v. 17, n. 2, pp. 37-54, maio/ago. 2012. <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1649/1025>>. Acesso em: 16 de maio de 2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª edição revista e atualizada. São Paulo: Moderna, 1998. 255p.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Declaração Universal dos Direitos Humanos (Constituição do Estado de São Paulo). São Paulo: Imprensa Oficial, 2001. 184p.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 4ª edição. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2013. 120p.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Tradução Maria de Fátima Oliva do Couto; introdução Weligton Paz. São Paulo: Hedra, 2010. 136p.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 11ª ed. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984. 128p.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei nº 8. 069 de 13/07/1990. Atualizado até fevereiro de 2001. Org.: Iracema Almeida Valverde, Ana Claudia da Silveira Leal, Lou Shen P. Shan. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. 168p.

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no Livro Didático**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984. 94p.

FILLOUX, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. Tradução Maria Lúcia Salles Boudet; organização de Celso do Prado Ferraz de Carvalho e Miguel Henrique Russo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. 148p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148p.

JAEGER, Werner. **Paidéia - A formação do homem grego**. 6ª edição. Tradução Arthur M. Parreira. São Paulo: WMF - Martins Fontes, 2013. 1456p.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução Ruy Jungmann; consultoria Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 315p.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco; revisão Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989. 382p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**, ou como se filosofa com o martelo. Tradução, apresentação e notas Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009. 144p

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisiere. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 352p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3ª edição. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 714p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (E. P. U.), 1986. 110p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Professor e o Combate à Alienação Imposta**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2002. 86p.

STIRNER, Max. **O Falso Princípio da Nossa Educação**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2001. 88p.

WERNECK, Vera Rudge. **A Ideologia na Educação**: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984. 132p.

VARES, Sidnei Ferreira de. **A Formação do Cidadão Republicano**: Sociologismo, Individualismo e Educação Moral em Émile Durkheim. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação (FEUSP). São Paulo, 2013. 224p.

VARES, Sidnei Ferreira de. *A educação como fato social: uma análise sobre o pensamento pedagógico de Durkheim*. In: **Revista Educação**, Guarulhos (UnG), v. 6, n. 1, pp. 29-44. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/812/844>>. Acesso em: 16 de maio de 2015.